

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2005

IMORTALIDADE? O DESTINO DO “ESPÍRITO” DO JUSTO NO MOMENTO DA MORTE

ADRIANI MILLI RODRIGUES

Graduando em Teologia e Administração pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP

TCC apresentado em novembro de 2005

Orientador: Wilson Paroschi, Ph.D.

adrianimilli@msn.com

RESUMO: Uma leitura superficial de textos bíblicos que falam sobre a morte do justo, pode dar margem para distintas interpretações acerca do seu destino imediato. Para um grupo de estudiosos que acreditam no dualismo humano, na morte do crente, a alma imaterial permanece existente de forma consciente. Nesse segmento, uns crêem na futura ressurreição do corpo, ao passo que outros a rejeitam. Entretanto, para o grupo que enxerga a natureza humana como uma unidade radical, não há uma entidade espiritual que sobrevive à morte. Entre estes, uns advogam a ressurreição individual que ocorre imediatamente após a morte do crente, enquanto outros acreditam numa ressurreição coletiva futura, o que implica um estado de inconsciência do justo entre sua morte e ressurreição. O presente estudo aborda este tema analisando palavras e idéias que se relacionam com o espírito humano, tanto sob a perspectiva bíblica, como também da história da teologia cristã.

PALAVRAS-CHAVE: morte, imortalidade, espírito, alma, vida eterna, estado intermediário.

Immortality? The Destiny of the “Spirit” of the Righteous at the Moment of Death

ABSTRACT: A briefly and superficial reading of biblical texts regarding the death of the righteous, can open margin for different interpretations about its immediate destiny. For a group of researchers, that believes in the dualism of the human being, in the death of a believer, the immaterial soul remains in an unconscious state. In that same segment there are those who believe in a future resurrection of the body while others reject such idea. However, for the group that believes that the human nature is a radical unity, there is not a spiritual entity that survives death. Between these two groups, there are those who advocate that the individual resurrection occurs directly after the death of the righteous, while others believe in a future collective resurrection, implying an unconscious state endured by the righteous between death and resurrection. The present study deals with the subject analyzing words and ideas that are related to the human spirit from a biblical perspective and also from the perspective of the history of Christian theology.

KEYWORDS: death, immortality, spirit, soul, eternal life, intermediate state.

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Curso de Teologia

IMORTALIDADE?: O DESTINO DO “ESPÍRITO”
DO JUSTO NO MOMENTO DA MORTE

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
à Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

por

Adriani Milli Rodrigues

Setembro de 2005

UM ESTUDO DO DESTINO DO “ESPÍRITO”
DO JUSTO NO MOMENTO DA MORTE

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
à Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

por

Adriani Milli Rodrigues

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
Wilson Paroschi
Professor de Novo Testamento

Avaliação

Reinaldo W. Siqueira
Professor de Antigo Testamento

Data da Aprovação

Amin A. Rodor
Diretor do Curso de Teologia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
O Problema	1
Metodologia.....	4
Capítulo	
1. “ESPÍRITO” NO ANTIGO TESTAMENTO.....	5
Sentido Básico	5
Sentido Derivado	6
Termos Paralelos.....	8
Idéias Paralelas.....	9
O ἄγιος ὁ Θεός.....	9
A Ressurreição	10
Conclusão Parcial.....	11
2. “ESPÍRITO” NO NOVO TESTAMENTO	12
Sentido Básico	12
Sentido Derivado	13
Termos Paralelos.....	14
Idéias Paralelas.....	15
Ressurreição	15
O Período Intermediário.....	15
Conclusão Parcial.....	18
3. CONTEXTO HISTÓRICO.....	12
Período Intertestamentário até os Tempos Apostólicos.....	19
O processo de Helenização	19
Correntes Judaicas: Palestiniana e Helênica	20
Escritos Apócrifos.....	21
Período Pós-Apostólico à Idade Média.....	22
Período Patrístico	22
Período Medieval	24
Período da Reforma Protestante até o século XX.....	25
O Período da Reforma.....	25

Correntes Teológicas Protestantes	26
Conclusão Parcial.....	28
CONCLUSÃO.....	29
BIBLIOGRAFIA	31

INTRODUÇÃO

O Problema

Uma leitura superficial de textos como Lc. 23:46 e At. 7:59 pode dar margem para distintas interpretações acerca do ensino bíblico quanto ao destino do justo no momento da morte. A semelhança entre os textos referidos é evidente. Lc. 23:46 diz: “*Então, Jesus clamou em alta voz: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito! E, dito isto, expirou*”¹. Ao passo que At. 7:59 declara: “*E apedrejavam Estevão, que invocava e dizia: Senhor Jesus, recebe meu espírito*”.

Acreditando na existência de algum tipo de dualismo do corpo e alma (ou espírito) presente no ser humano, muitos cristãos protestantes conservadores advogam que, na morte do crente, a alma imaterial permanece existente (imortal) de forma consciente, enquanto que o corpo se decompõe. Na segunda vinda de Cristo, haverá uma ressurreição do corpo transformado que se unirá novamente com a alma².

Lenski reflete claramente essa interpretação. Ele declara que enquanto as pedras colidiam com o corpo de Estevão, este ergue os olhos ao céu, rogando ao próprio Senhor Jesus para receber seu espírito. Como resultado da aceitação dessa oração, o espírito de Estevão, ou seja, a parte imaterial de seu ser, deixou seu corpo (parte física) e foi

¹ Todas as citações bíblicas seguem a tradução João Ferreira de Almeida, Edição Revista e Atualizada no Brasil, 2ª edição.

² Millard J. Erickson, *Christian Theology*, 7ª ed. (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1989), 1175.

recebido por Jesus na glória e felicidade do céu. Por isso, Estevão aguarda o momento quando seu corpo será levantado para ser novamente unido à sua alma e participar da alegria celestial¹.

Tendo em vista um dualismo ainda mais profundo, o Liberalismo não reconhece qualquer dependência entre corpo e alma (espírito), considerando o corpo uma parte não-essencial da natureza humana. DeWolf aponta Lc. 23:46 como uma clara indicação deste tipo de dualismo. H. E. Fosdick, por sua vez, rejeita completamente a ressurreição do corpo².

Entretanto, assumindo uma posição contrária às idéias liberais, a Neo-Ortodoxia (fenômeno do século XX que ocupa “posição intermediária entre os pontos de vista liberal e ortodoxo”³) crê numa esperança baseada na ressurreição do corpo. Nesta visão, está implícito o pressuposto de que a natureza humana é uma unidade radical. Não há uma entidade espiritual que sobrevive à morte, subsistindo numa forma não-corporal⁴. Uma vez que K. Barth não escreveu, de forma sistemática, sua visão da escatologia individual⁵ (embora ele defenda a ressurreição do corpo em detrimento à imortalidade da alma⁶), de

¹ R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Acts of the Apostles* (Minneapolis, MN: Augsburg Publishing House, 1961), 309.

² Erickson, 523-524.

³ Henry A. Vikler, *Hermenêutica Avançada: princípios e processo de interpretação bíblica*, trad. Luiz Aparecido Caruso (São Paulo: Editora Vida, 2001), 52.

⁴ Erickson, 1176.

⁵ Júlio Andrade Ferreira, *Antologia Teológica* (São Paulo: Editora Novo Século, 2003), 641.

⁶ Karl Barth, *Dogmatics in Outline* (London, England: SCM Press, 1958), 154.

acordo com O. Cullmann¹, Barth crê que a ressurreição do corpo ocorre imediatamente após a morte individual de cada crente², o que exclui qualquer possibilidade de um Estado Intermediário³.

Do mesmo modo, a unidade indivisível da natureza humana, bem como a esperança da imortalidade ligada ao evento da ressurreição, também são conceitos defendidos pelos Adventistas do Sétimo Dia. Contudo, para estes, a ressurreição ocorre de maneira coletiva por ocasião da segunda vinda de Cristo (literal e visível). Portanto, no intervalo existente entre a morte e ressurreição, o crente permanece num estado temporário de inconsciência, às vezes chamado de sono da alma⁴. Assim, Francis Nichol comenta que, em At. 7:59, Estevão, reconhecendo que sua vida era um dom divino, confiava à guarda de Deus o dom que não podia mais reter. Logo, Estevão sabia que receberia novamente a vida (eterna) no dia da ressurreição⁵. De modo semelhante, Cullmann, embora não seja adventista, também defende a idéia do sono da alma e da ressurreição final⁶.

¹ Oscar Cullmann, *Imortalidade da Alma ou Ressurreição dos Mortos* (Artur Nogueira, SP: Centro de Estudos Evangélicos, 2002), 35.

² Gerald F. Hawthorne, *Word Biblical Commentary: Philippians* (Waco, Texas: Word Books Publisher, 1983), 49.

³ Ferreira, 642.

⁴ *Nisto Cremos: 27 Ensinos Bíblicos dos Adventistas dos Sétimo Dia*, trad. Hélio L. Grellmann, 7ª edição, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), 454-459; Erickson, 1176.

⁵ Francis D. Nichol, *Respostas a Objeções: uma defesa bíblica da doutrina adventista*, trad. Francisco Alves Pontes (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), 275-276.

⁶ Cullmann, 35; George Ladd, *Teologia do Novo Testamento*, trad. Dara Dusilek, Jussara Marindir Pinto Simões Árias (São Paulo: Editora Hagnos, 2001), 512.

Observando as diferentes interpretações descritas acima, qual seria realmente o destino do espírito quando um crente morre? Como a Bíblia responde a esta questão? O espírito resiste à morte e se independe do corpo? A alma atinge um estado consciente intermediário? Ou de forma inconsciente o crente aguarda a ressurreição corporal?

Metodologia

O objetivo deste trabalho é investigar, de forma bíblica, o destino do espírito do crente no momento de sua morte. Para tanto, a presente pesquisa é composta de três partes.

No primeiro capítulo, será feita uma análise léxica da palavra hebraica para espírito no contexto humano, observando seu sentido básico e derivado, e também termos e idéias paralelas presentes no AT.

Assim como a seção anterior, o segundo capítulo fará uma análise léxica da palavra grega para espírito no contexto humano, estudando o seu significado básico e derivado, bem como passagens no NT que apresentam termos e idéias semelhantes.

O terceiro capítulo discutirá o destino do “espírito” humano sob uma perspectiva histórica da Teologia Cristã (das influências do período intertestamentário ao século XX).

Por fim, será feita uma conclusão, apresentando as descobertas feitas ao longo do trabalho e suas implicações para a compreensão deste tema.

CAPÍTULO 1

“ESPÍRITO” NO ANTIGO TESTAMENTO

O estudo deste capítulo divide-se em quatro partes: análise do sentido básico da palavra hebraica para espírito; estudo do sentido derivado da mesma; observação de termos paralelos a esta palavra; e, finalmente, a análise de idéias paralelas presentes no AT.

Sentido Básico

A palavra normalmente vertida para “espírito” no AT é *rûah* (רוּחַ)¹. Esse substantivo primitivo ocorre 387 vezes no AT, e está relacionado com a raiz *rwḥ* (‘ayin-waw) que apresenta o sentido de “respirar”, “soprar”².

“A idéia por detrás de *rûah* é o fato extraordinário de que uma coisa tão intangível como o ar possa movimentar-se; ao mesmo tempo, não é tanto o movimento por si que desperta a atenção, mas, sim, a energia que semelhante movimento manifesta”³.

¹ Ralph L. Smith, *Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem*, trad. Hans Udo Fuchs e Lucy Yamakami (São Paulo: Edições Vida Nova, 2001), 254.

² R. Laird Harris, Gleason L. Acher Jr. e Bruce K. Waltke, *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz A.T. Sayão e Carlos Oswaldo C. Pinto (São Paulo: Edições Vida Nova, 1998), 1407.

³ Colin Brown e Lothar Coenen, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, trad. Gordon Chown, 2 vols. (São Paulo: Edições Vida Nova, 2000), 2:715.

Portanto, basicamente, *rûah* pode ser entendido como “ar em movimento”¹.

No AT, *rûah*, que em primeira instância significa “vento”, aparece como um poder misterioso e irresistível que Deus utiliza para a execução de seus desígnios na Criação. Dessa forma, no plano humano, *rûah* significa “alento”, “fôlego”, com todos os fenômenos que o acompanham, que penetra no homem e nos animais do primeiro ao último momento. Este hálito divino de ar e vida anima e conserva todo o Universo².

Sentido Derivado

Como mencionado anteriormente, nos seres vivos o *rûah* é a respiração. Tanto em relação aos animais (Gn. 7:15; Sl. 104:25, 29) quanto aos seres humanos (Ez. 37:5), em contraste com ídolos mortos (Jr. 10:14; 51:17)³. Além disso, *rûah* descreve ainda uma disposição de mente ou atitude. O espírito de Calebe foi distinto do de seus companheiros sem fé (Nm. 14:24). O *rûah* de alguém pode estar triste (I Rs. 21:5), surpreso/fora de si (I Rs. 10:5), sereno (Pv. 17:27) ou ciumento (Nm. 5:14). As pessoas podem se caracterizar por um espírito de sabedoria (Dt. 34:9) ou coragem (Js. 2:11)⁴.

Com o sentido de um movimento forte e rápido de ar, de uma bufada pelas narinas, *rûah* descreve emoções de agressividade (Is. 25:4) ou ira (Jz. 8:3). Uma outra conotação é a de força vital. O “espírito” da pessoa se consome quando ela fica doente ou

¹ Harris, Acher e Waltke, 1407.

² Johannes B. Bauer, *Diccionario de Teología Bíblica* (Barcelona, España: Editorial Herder, 1985), 339.

³ Harris, Acher e Waltke, 1407.

⁴ Ibid, 1408.

fraca (Jó 17:1), mas volta com um novo fôlego e a pessoa revive (Jz. 15:19; I Sm. 30:12; Gn. 45:27)¹.

Assim, o “espírito” que começou como “vento”, se tornou “sopro” e “vitalidade”, também representa o aspecto interior, isto é, emocional e mental da natureza humana². Portanto, “o pensamento implícito em *rûah* é que a ‘respiração’, com o movimento de ar que ela acarreta, é a expressão externa da força vital inerente em todo o comportamento humano”³.

Outra idéia a ser destacada é a de que o “fôlego” de toda a humanidade, o *rûah*, pertence a Deus (Jó 12:10; Is. 42:5). Isso se deve ao fato de que o “fôlego” do homem lhe foi outorgado mediante um ato criador especial de Deus (Gn. 2:7). Uma melhor tradução de Gn. 6:3 exemplifica essa questão: “o meu espírito [de Deus] não habitará [tradução que segue a LXX] no homem para sempre, pois ele é carne [mortal], mas seus dias serão cento e vinte anos” (cf. Jó 34:14-15)⁴.

Dessa forma, a vida humana pode ser resumida da seguinte maneira: Deus dá e mantém a vida/força vital (Is. 42:5), embora esteja livre para tomá-la de volta (Sl. 104:29) quando, então, ela volta para Ele (Ec. 12:7)⁵. O espírito/fôlego de vida é simplesmente o

¹ Ibid, 1407.

² Smith, 256.

³ Brown e Coenen, 2:715.

⁴ Harris, Acher e Waltke, 1407.

⁵ Brown e Coenen, 2:715.

presente de vida dado aos seres humanos e animais para a duração de sua existência terrestre (Ec. 3:19)¹.

Termos Paralelos

Uma palavra comumente utilizada de forma paralela com *rûah* no AT é o termo *nefeš* (נֶפֶשׁ) (cf. Jó 7:11 e Is. 26:9)². O seu sentido original é o de garganta/pescoço (Sl. 69:1; Is. 5:14), derivando uma idéia de apetite/desejo/anseio (Dt. 23:24) bem como fôlego/respiração (Gn. 1:30; 2:7)³. Uma vez que, pela própria natureza, a existência pessoal envolve apetites e desejos, *nefeš* denota a vida do indivíduo com todos os seus impulsos, não a noção abstrata da vida⁴. Por isso, a expressão *nefeš hayyâ* (alma vivente), em Gn. 2:7, não deve ser interpretada no sentido metafísico atual da palavra “alma”. O uso desta expressão, que ocorre também em Gn. 1:20, 21 e 24, nesse contexto, indica que o homem está sendo associado às demais criaturas que partilham da experiência entusiástica da vida⁵.

O uso de *nefeš* para “pessoa” (Gn.12:5; Ex. 1:5) indica que este termo refere-se à totalidade do ser humano. Dessa forma, quando o AT utiliza as palavras hebraicas *'arah* (derramar, esvaziar, despir) e *nefeš* para descrever a morte (Is. 53:12), o sentido é de um esvaziamento do *nefeš* de toda a sua vitalidade e força. Pode-se, assim, entender o uso de

¹ Samuele Bacchiocchi, *Immortality or Resurrection? A Biblical Study on Human Nature and Destiny* (Berrien Springs, MI: Biblical Perspectives, 1997), 74.

² Harris, Acher e Waltke, 1408.

³ Ibid, 982.

⁴ Ibid, 984.

⁵ Ibid, 986.

nefeš para “cadáver” (Lv. 19:28; 21:1, 11; Nm. 5:2; 6:6, 11; 9:6, 7, 10; Ag. 2:13), como indicação de que o *nefeš* está sem vida. Portanto, imagens como “sombra” (Is. 26:19) e “fraco” (Is. 14:10), em referência aos mortos, podem ser perfeitamente compreendidas à luz do esvaziamento do *nefeš* de toda a sua vitalidade. É por isso que, no AT, a destruição do corpo é vista como a destruição do *nefeš* (Js. 10:28, 30, 32, 35, 37, 39). Quando o corpo é destruído, o *nefeš* não mais existe, pois o corpo é a forma externa do *nefeš*. Mas quando o corpo é colocado no túmulo para descansar com seus pais, o *nefeš* está no calmo descanso (Gn. 15:15; 25:8; Jz. 8:32; I Cr. 29:28)¹.

O AT sugere, então, que *nefeš* denota algo físico, não uma alma no sentido fantasmagórico. Entretanto, a tradução do termo por ‘alma’ abriu a porta para a entrada das idéias gregas sobre a alma, principalmente na interpretação de textos como Gn. 35:18 e I Rs. 17:22².

Idéias Paralelas

O š^ç’ôl

O termo š^ç’ôl, cuja etimologia é incerta, é usado aproximadamente 66 vezes no Antigo Testamento. Em muitas passagens a palavra apresenta o sentido de abismo (Jó 26:6; Pv. 15:11; 27:20) ou morte (II Sm. 22:6; Sl. 18:4-5; 49:14; 116:3; Pv. 5:5; Is. 28:15,18; Os. 13:14; Hc. 2:5). É também chamado de lugar de pó (Jó 17:16). Um lugar aonde todas as pessoas vão quando morrem (Jó 3:11-19; Sl. 89:48), caracterizado pelo silêncio, inatividade

¹ Bacchiocchi, 55.

² Smith, 256-257.

e ausência de louvor a Deus (Sl. 6:5; Ec. 9:10)¹. Portanto, a idéia básica de *š'ʿol* envolve o sentido de túmulo.

A Ressurreição

No AT, a noção de vida após a morte está ligado ao conceito de “ressurreição”. O termo técnico traduzido por ressurreição, *tehiyat hammetim*, não ocorre no hebraico bíblico, mas a idéia é expressa com o uso de oito verbos: *hāyā* (“viver”), *qûm* (“surgir”), *heqis* (“despertar”), *lāqah* (“tomar”), *ālā* (“subir”), *sûb* (“voltar”), *amad* (“ficar de pé”) e *ne'or* (“levantar”)².

Há 3 relatos de ressurreição no AT (I Rs. 17:22; II Rs. 4:35; 13:21), enquanto que quase 20 passagens podem ter relação com ela (Dt. 32:39; I Sm. 2:6; Jó 14:12; 19:25-27; Sl. 1:6; 16:10; 17:15; 49:15; 71:20; 73:24; 88:10; Is. 26:14; 53:11; 66:24; Ez. 37:10; Dn. 12:2; Os. 6:2). Provavelmente apenas duas dessas passagens afirmam claramente a segunda vida depois da morte. É uma vida na terra, em novas condições, uma vida ressuscitada que demanda a restauração do corpo morto (Is. 26:19; Dn. 12:2)³.

Todos os termos importantes referentes à ressurreição estão presentes no texto de Is. 26:19: “Os vossos mortos e também o meu cadáver viverão (*hāyâ*) e ressuscitarão (*qûm*, “levantar”); despertai (*heqis*) e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho, ó Deus, será como o orvalho de vida, e a terra dará à luz os seus mortos.” Em Dn. 12:2 também são usados alguns termos importantes tais como “ressuscitarão” (*yeqis*,

¹ Ibid, 365-366.

² Ibid, 375.

³ Ibid, 375-376.

“despertarão”) e “vida eterna” (*hayye ‘ōlām*)¹. Neste texto está implícita a idéia de um julgamento universal diretamente relacionado com a ressurreição.

Essas passagens expressam “fé no poder de Deus, que pode criar do pó e da decadência do túmulo uma nova raça humana, onde a vida reta não termina em sofrimento e a justiça prevalece”². Todavia, tal esperança não estava conectada com um outro mundo desvinculado de qualquer relação com as coisas da terra. De acordo com as idéias do AT, no “futuro abençoado, o ser humano não é trasladado para morar com Deus, mas Deus vem morar com ele”³ (Ez. 43:7; Zc. 2:10; 8:3).

Conclusão Parcial

O AT não analisa a natureza humana em termos abstratos. Em sua linguagem, o homem é visto sob uma perspectiva unitária, física e concreta. Portanto, nesse contexto, o espírito humano está tão unido ao corpo físico, que os termos utilizados para descrevê-lo envolvem fenômenos normais, visíveis e tangíveis do mundo ao nosso redor. Além disso, considerando que em Israel um túmulo era simplesmente um túmulo, não há menção de uma existência espiritual desencarnada do justo após a morte⁴. Por outro lado, pode-se notar que a aniquilação da morte era vista como um evento escatológico, onde a ressurreição é diretamente conectada a um juízo universal.

¹ Ibid, 376-377.

² Ibid, 376.

³ Ibid, 374.

⁴ Ibid, 365, 373.

CAPÍTULO 2

“ESPÍRITO” NO NOVO TESTAMENTO

À semelhança do capítulo anterior, o estudo do presente capítulo será desenvolvido em quatro partes: análise do sentido básico da palavra grega para espírito; estudo do sentido derivado da mesma; observação de termos paralelos a esta palavra; e, por fim, a análise de idéias paralelas presentes no NT.

Sentido Básico

A palavra traduzida por “espírito” no NT é *pneuma*¹.

A raiz gr. *pneu-*, da qual se deriva a palavra neo-testamentária para “espírito”, denota o movimento dinâmico do ar. Seus derivados têm os seguintes significados: *pneo*, “soprar” (do vento e do ar em geral, como também sobre um instrumento musical); “respirar” (também no sentido de ter vida); “emitir fragrância”, etc.; “irradiar” calor, ira, coragem benevolência, etc. (sendo que, presumivelmente, se supunha que todos estes eram veiculados pelo ar). *pnoe* significa “soprar”, a “respiração” (especialmente quando ofegante), a “inspiração” (por uma divindade), o “vapor”, a “evaporação”. *ekpneo* significa “expirar”, “soprar para fora”, “cessar de respirar” (i.é, “morrer”), “ficar sem hálito”, “cessar de soprar”. *empneo* significa “aspirar”, “estar respirando”, “ter vida”, “soprar” sobre ou para dentro de alguma coisa, “inspirar”².

¹ Horst Balz e Gehard Schneider, *Exegetical Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, MI: William B. Eedermans, 2001), 3:117.

² Brown e Coenen, 2:713.

Assim, *pneuma* forma-se desta raiz com o sufixo “-ma”, denotando o resultado do ar em movimento¹. Pode-se notar, então, uma semelhança muito forte entre o sentido de *pneuma*, no NT, e *rûah* no AT (analisado no capítulo anterior).

Sentido Derivado²

Nos Evangelhos, a ocorrência mais significativa de *pneuma*, no contexto da morte humana, aparece no relato da morte de Jesus. Em Mt. 27:50 é descrito que depois de clamar com grande voz, Jesus “entregou o espírito”. Por sua vez, Jo. 19:30 diz que Cristo inclinou a cabeça e “rendeu o espírito”. Em Lc. 23:46 Jesus “clama em alta voz: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!”. Da mesma forma, Lucas registra o pedido de Estevão, ao ser apedrejado, como um eco das palavras de Jesus na cruz: “recebe meu espírito” (cf. At. 7:59)³. Na realidade, esta prece reflete uma antiga oração noturna Judaica (Salmo 31:5)⁴, proferida “para que Deus proteja o espírito da pessoa até que esta acorde”⁵. O contexto do Salmo indica que Davi buscava o refúgio divino diante da ameaça de morte (Sl. 31:13 e 15).

O uso de *pneuma* como principio ativo de vida é bastante evidente no NT (Ap. 11:11; 13:15). Em Tg. 2:26, há a menção de que o “corpo sem espírito é morto”. Em Lc.

¹ Ibid.

² George V. Wigram, *The Englishman's Greek Concordance of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1970), 632-635.

³ Everett F. Harrison, *Interpreting Acts – The Expanding Church* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1986), 138.

⁴ Ernst Haenchen, *The Acts of the Apostles – a Commentary* (Philadelphia: The Westminster Press, 1971), 292.

⁵ Craig A. Evans, *Novo Comentário Bíblico Contemporâneo – Lucas*, trad. Oswaldo Ramos (São Paulo: Editora Vida, 1996), 383.

8:55, que se refere ao milagre da ressurreição da filha de Jairo efetuado por Cristo, há o relato de que o “espírito” voltou e a menina imediatamente se levantou.

Termos Paralelos¹

O termo grego que mais se aproxima de *pneuma* no NT é *yuch*, Esta palavra pode ser traduzida como “alma”, “ser vivo”, apresentando um sentido muito próximo ao de *nep̄eš* no AT. Em Jo. 10:11, Jesus (o Bom Pastor) dá a “vida” por suas ovelhas. Em Mc. 8:35, Cristo ensina o princípio de que aquele que perde a sua “vida” por causa dEle e do evangelho, na realidade está se salvando. Neste sentido, em Jo 13:37, Pedro declara que estava disposto a entregar sua “vida” por Jesus. Da mesma forma, em At. 15:26, Paulo e Barnabé são descritos como homens que têm arriscado a “vida” em favor de Cristo. Este termo também era utilizado para enumerar pessoas. Em At. 7:14, quando Jacó desce para a terra de Gósen, sua parentela é composta por setenta e cinco “pessoas” (almas, vidas).

O *yuch*, em alguns textos, é referido como a “totalidade da existência e vida do homem, com a qual se preocupa e da qual tem cuidado constante”²: emoções (Mt. 26:38); relacionamento com Deus (Lc. 1:46); vontade/disposição (Mt. 22:37). Assim, o *yuch*, torna-se a “área na qual se fazem decisões a respeito da vida e da morte”³.

Em Ap. 6:9-10 o apóstolo João vê, no céu, o *yuch*, dos mártires exigindo a vingança e justiça divina. Entretanto, esta visão apocalíptica não pretende ser fotografia de

¹ Brown e Coenen, 2:69-78.

² Ibid, 75.

³ Ibid, 78.

um fato objetivo, mas sim a representação simbólica de uma realidade espiritual¹. Logo, este texto não se refere ao estado intermediário dos mortos e sua situação naquele momento. Segundo Gn. 4:10, o sangue dos mártires, cuja morte representa o triunfo da injustiça sobre a justiça, reclama uma atitude justa da parte de Deus².

Idéias Paralelas

Ressurreição

O NT é bastante conclusivo no que se refere à ocorrência da ressurreição. Nos Evangelhos, o próprio Jesus afirmou “a existência de um estado de ressurreição, em oposição aos saduceus”³ (Lc. 20:35-37). Em Jo. 5:28-29, Jesus relacionou intimamente a ressurreição com o juízo, num evento marcado pela recompensa dos justos e ímpios. Do mesmo modo, o apóstolo Paulo, além de defender publicamente a crença na ressurreição (At. 24:15) desenvolveu este assunto em algumas de suas cartas (I Co. 15:42, 50-54; I Ts. 4:16). Assim, o NT está repleto de declarações acerca da ressurreição (Jo. 11:23; Hb. 6:2; Ap. 20:5-6 e outros).

O Período Intermediário

De acordo com a análise anterior, a ressurreição possui um forte respaldo bíblico. Entretanto, algumas divergências surgem quanto à lacuna existente entre a morte

¹ George Ladd, *Apocalipse – introdução e comentário*, Série Cultura Bíblica (São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Associação Religiosa Editora Mundo Cristão, 1989), 78.

² *Ibid*, 80.

³ Donald Guthrie, “A Vida Após a Morte”, *Imortalidade*, 2ª edição, ed. Russell P. Shedd e Alan Pieratt (São Paulo: Edições Vida Nova, 2000), 184.

do crente e a sua ressurreição, isto é, o período intermediário. Existem algumas passagens bíblicas que parecem sugerir algum tipo de consciência neste período, ao passo que outras, negam essa possibilidade.

Em Lc. 23:43, Jesus assegura ao malfeitor que estaria com ele no paraíso. A tradução que assume que essa promessa seria concretizada naquele mesmo dia traz algumas sérias dificuldades. Na realidade, o termo “paraíso” aparece em duas outras passagens no NT (II Co. 12:3 e 4; Ap. 2:7), cujo sentido tem que ver com “céu”, designando lugar da habitação de Deus¹. Todavia, em Jo. 20:17, Jesus, após sua ressurreição, declara a Maria que Ele ainda não havia subido ao Pai. Em At. 2:27, o apóstolo Pedro cita Sl. 16:10 para afirmar que a yuch, de Cristo estava no *hades* (palavra grega para ᾗδης) antes de sua ressurreição, não no Paraíso². Portanto, considerando o fato de que os mais antigos manuscritos do NT não apresentavam pontuação, numa tradução mais coerente de Lc. 23:43, a palavra “hoje” indica o momento em que a promessa está sendo proferida³.

Assim como o ladrão da cruz, a Parábola do Rico e Lázaro (Lc. 16:19-31) tem sido freqüentemente considerada “uma passagem didática, com a finalidade de explicar a condição em que os mortos se encontram”⁴. Contudo, “esta passagem não pretende ensinar acerca da vida além do túmulo”⁵. Na realidade, Jesus utilizou material extraído de estórias

¹ Ladd, *Teologia do Novo Testamento*, 183.

² Le Roy Edwin Froom, *The Conditionalist Faith of Our Fathers – The Conflict of the Ages Over the Nature and Destiny of Man*, 2 vols. (Washington, DC: Review and Herald, 1966), 1:276.

³ Nichol, 317-318.

⁴ Ladd, *Teologia do Novo Testamento*, 182.

⁵ Ibid.

contemporâneas de sua época, para transmitir a verdade singular de que, “se os homens não derem ouvidos à Palavra de Deus, nem mesmo um milagre semelhante ao de uma ressurreição seria suficiente para convencê-los”¹.

Em Lc. 20:37-38, cujo o contexto é o debate entre Jesus e os saduceus acerca da ressurreição, Jesus declarou que, para Deus, Abraão, Isaque e Jacó vivem. Entretanto, assumir que este texto pressupõe a existência dos patriarcas levanta uma séria dificuldade. Por que esses patriarcas viveriam num paraíso (o que concorda com a parábola do Rico e Lázaro) enquanto é declarado que Davi morreu, está sepultado e não subiu ao céu (At. 2:29 e 34)?

Algumas declarações de Paulo, tais como “deixar o corpo e estar com o Senhor” (II Co. 5:8), “partir e estar com Cristo” (Fp. 1:23), parecem apontar para um encontro instantâneo entre o crente (no momento de sua morte) e o Senhor. Contudo, deve-se notar que tais passagens não indicam o modo nem o momento específico desse encontro. O mesmo Paulo escreveu em I Ts. 4:16-17 que os mortos estarão com o Senhor no momento da ressurreição. Além disso, a promessa de Jesus aos discípulos em Jo. 14:2 e 3, indica que o acesso às moradas do Pai depende diretamente da volta de Jesus, e não da morte do crente.

É interessante notar que Paulo, ao consolar os irmãos tessalonicenses com respeito aos mortos, não focalizou a esperança no fato do crente, ao morrer, estar na presença divina. Pelo contrário, a ênfase está na ressurreição (I Ts. 4:13-18). Isso parece concordar com o fato de que os heróis da fé morreram sem obter a concretização da

¹ Ibid.

promessa divina da vida eterna. Puderam apenas contemplar a promessa de longe (cf. Hb. 11:13). Portanto, não pode haver imortalidade sem ressurreição prévia (I Co. 15:42, 50-54).

Entretanto, deve-se destacar que alguns textos parecem apontar que os crentes já possuem a vida eterna através de Cristo (Jo. 10:27-29; I Jo. 5:11-13), pois Ele destruiu a morte, trazendo vida e imortalidade (II Tm. 1:10). Apesar disso, I Co. 15:26 afirma que o “último inimigo a ser vencido é a morte”. O livro de Apocalipse aponta para esse episódio futuro, mais precisamente como resultado do juízo final (Ap. 20:14). Dessa forma, através da harmonização de tais textos, pode-se perceber a existência de uma tensão entre a vitória já alcançada sobre a morte, mas ainda não consumada¹. Assim, é possível compreender o fato de que o crente morto pertence ao Senhor, pois a morte de Cristo torna-o Senhor dos mortos e dos vivos (Rm. 14:7-9).

Conclusão Parcial

A compreensão acerca do destino do justo no momento da morte, depende do entendimento de dois fatores: a constituição da natureza humana e a escatologia individual. O estudo deste capítulo demonstrou que os escritores do NT mantêm o conceito vétero-testamentário acerca da unidade do homem em sua constituição. Tal conceito impede uma existência espiritual e etérea à parte do corpo. Todavia, no que diz respeito à escatologia individual, o NT amplia a visão do AT, indicando que o crente morto aguarda o momento da ressurreição para, enfim, habitar para sempre com o Senhor. Portanto, a esperança do cristão, ao enfrentar a morte, não está ligada ao período intermediário, mas à ressurreição.

¹ Cullmann, 35.

CAPÍTULO 3

“ESPÍRITO” NA HISTÓRIA DA TEOLOGIA CRISTÃ

Enquanto os dois capítulos anteriores analisaram o “espírito” humano na perspectiva da Teologia Bíblica, este capítulo abordará acerca deste mesmo termo sob a ótica histórica da Teologia Cristã. Assim, o presente capítulo está dividido em três partes principais. A primeira parte abrange o período intertestamentário até os tempos apostólicos. Muitos conceitos e princípios de interpretação deste período tiveram profunda influência sobre a teologia cristã posterior. Em seguida, a segunda parte, compreende desde o período pós-apostólico à Idade Média. A seguir, a terceira parte inicia-se com a Reforma Protestante e termina com as correntes teológicas do século XX.

Período Intertestamentário até os Tempos Apostólicos

O Processo de Helenização¹

Ao subjugar o mundo persa, Alexandre, como parte de sua estratégia de introduzir a cultura grega (idioma, literatura, costumes e filosofia) em todas as civilizações, fundou a cidade de Alexandria, no Egito. Esta se tornou um importante centro mundial político, comercial, financeiro, literário e científico. Após a morte de Alexandre, os

¹ Froom, 1:647.

Ptolomeus do Egito, que dividiram o domínio com os Selêucidas da Síria, trouxeram mais de cem mil judeus ao Egito. Esse número cresceu para cerca de um milhão nos tempos de Cristo. Esses judeus mergulharam em nova cultura, linguagem e filosofia. Nos mercados eles ouviam homens discutindo as idéias de Platão e Aristóteles.

Correntes Judaicas: Palestiniana e Helênica

Como tentativa de reduzir a tensão entre a tradição do mito religioso e a herança filosófica, os gregos desenvolveram o alegorismo¹. De forma semelhante, os postulados do Helenismo (baseados apenas na investigação intelectual, pesquisa e análise) que divergiam com os princípios do Judaísmo (baseados unicamente na revelação divina), foram conciliados por Filo (20 a.C.- 47), um judeu de Alexandria, através da ferramenta grega do alegorismo da revelação². Dessa forma, ele pôde “combinar os pensamentos grego e hebraico a respeito de Deus, da criação e da humanidade”³.

Com base nos ensinamentos dos filósofos gregos que “dividiam a alma numa parte racional e noutra irracional”⁴, Filo afirmava que as almas racionais descem de sua habitação eterna, entram nos corpos humanos dominados pela alma irracional. No momento da morte, a alma racional do homem, que é imortal e pré-existente, retorna para o reino

¹ Vikler, 38.

² Froom, 1:720.

³ Roger Olson, *História da Teologia Cristã - 2000 anos de tradição e reformas*, trad. Gordon Chown (São Paulo: Editora Vida, 2001), 54.

⁴ Philotheus Boehner e Etienne Gilson, *História da Filosofia Cristã – desde as origens até Nicolau de Cusa*, trad. Raimundo Vier, 8ª edição, (Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003), 70.

celestial etéreo desencarnado. O corpo humano, por sua vez, considerado como fonte do mal, é mortal e não aguarda a ressurreição literal¹.

Entretanto, os judeus que viviam na Palestina mantiveram o conservadorismo e a tradição em detrimento da antropologia platônica dos judeus helênicos. Assim, no judaísmo palestino o corpo nunca era a prisão da alma, nem aquilo que a seduzia para o pecado. Já o espírito não era considerado como parte de uma substância divina mas, sim, como alguma coisa divinamente criada².

Escritos Apócrifos

Desde dois séculos antes da Era Cristã, as declarações não-bíblicas mais antigas dos judeus acerca do destino humano começaram a surgir. As duas maiores posições acerca da eterna bem-aventurança do justo compreendiam o antigo conceito do dom condicional da imortalidade e o novo conceito da imortalidade natural da alma³.

No livro de IV Macabeus os justos mortos são imediatamente “recebidos na glória” (10:15; 13:17; 17:18; 18:23)⁴. No “Livro dos Jubileus” (135 a.C.), os ossos jazem na sepultura enquanto os “espíritos” vivem independentemente⁵. Estas obras ilustram a penetração da filosofia helênica nas crenças judaicas pouco antes dos tempos de Cristo.

¹ Froom, 1:725.

² Brown e Coenen, 2:717.

³ Froom, 1:645.

⁴ Ibid, 1:673.

⁵ Bacchiocchi, 80.

Todavia, o “Apocalipse Siríaco de Baruque”, produzido na última metade do primeiro século da Era Cristã, provavelmente corrente no tempo dos apóstolos¹, enfatiza que no retorno do Messias, todos os que adormeceram em Sua esperança despertarão. Estes não se entristecerão pelo fato de que um teve de esperar mais tempo que outro para o regozijo final². No livro de II Esdras, compilado por volta do fim do primeiro século d.C., o autor descreve os tempos do fim (7:26-44): a revelação Messias, a ressurreição dos que dormem no pó da terra e o julgamento final. É o início da imortalidade³.

Período Pós-Apostólico à Idade Média

Período Patrístico (100-600)

No período pós-apostólico, não se tem conhecimento de nenhum escritor cristão que defendesse o dogma da imortalidade natural da alma até o fim do segundo século⁴. Diversos escritores pós-apostólicos defendiam o condicionalismo em suas obras.

Clemente de Roma, que de acordo com Eusébio morreu no ano 100, foi provavelmente o primeiro escritor após o período dos apóstolos⁵. Em seus escritos, ele demonstra que sua esperança está alicerçada no segundo advento e sua conexão com a ressurreição⁶.

¹ Froom, 1:687.

² Ibid, 1:689.

³ Ibid, 1:697.

⁴ Ibid, 1:758-759.

⁵ Olson, 41.

⁶ Froom, 1:762-763.

De igual modo, Policarpo, que morreu em 156, cria na recompensa dos justos que ocorreria na ressurreição do segundo advento¹. Justino Mártir, por sua vez, morreu aproximadamente no ano 165, escreveu que a imortalidade é um presente de Deus recebido na ressurreição. Ele chama de “não-cristãos” aqueles que ensinam que a alma vai para o céu na ocasião da morte².

Entretanto, Filo, com suas sutis exposições alegóricas, influenciou profundamente a escola teológica cristã de Alexandria, fundada provavelmente no segundo século. Os principais expoentes desta escola eram Clemente e Orígenes³.

Clemente de Alexandria (150-210) designava o corpo como uma ‘natureza inferior’ em contraste com a ‘natureza superior’ da alma, que descrevia como a parte racional do indivíduo⁴.

Possuindo uma visão semelhante, Orígenes (185-255) tinha como propósito “edificar um sistema do saber cristão a partir do patrimônio seguro da fé. Nesta empresa teve de valer-se da filosofia grega”⁵. Assim, “Orígenes empregava idéias platônicas para reinterpretar a gama total do ensino cristão”⁶. Para ele, a alma humana, embora residindo no cárcere do corpo, ainda conserva as características originais do ser espiritual (incorporeidade e imortalidade). Em sua visão escatológica, “os espíritos despojar-se-ão um

¹ Ibid, 1:791-792.

² Ibid, 1:813-814.

³ Boehner e Gilson, 33.

⁴ Olson, 90.

⁵ Boehner e Gilson, 48, 54.

⁶ Colin Brown, *Filosofia e Fé Cristã – um esboço histórico desde a Idade Média até o presente*, trad. Gordon Chown (São Paulo: Edições Vida Nova, 2001), 14.

dia de seu invólucro corporal, a fim de participarem da vida incorporeal de Deus”¹. Tendo em vista que Orígenes foi considerado um dos príncipes da filosofia e teologia cristã, grande parte seus ensinamentos influenciou muitos dos grandes heróis da ortodoxia².

Já no mundo latino, o período de Agostinho (354-430) marcou o apogeu da filosofia patrística. Seguindo a mesma linha da Escola de Alexandria, caracterizada pela interpretação alegórica e dos postulados platônicos, Agostinho dividia o homem em duas partes: a natureza inferior corporal e a natureza superior da alma³.

Período Medieval (600-1500)

No período medieval, assim como no período patrístico, “argumentos e conceitos gregos eram usados para defender idéias cristãs, e vice-versa.”. Dessa forma, “o pensamento medieval era uma mistura curiosa de fé cristã e filosofia pagã”, resultando numa distorção da doutrina cristã⁴.

Para Tomás de Aquino (1224/1225–1274), o processo de apresentação de um argumento em prol da fé cristã compreendia dois passos: o uso inicial de argumentos filosóficos para lançar os alicerces e o posterior apelo à doutrina cristã⁵. Em sua visão antropológica, Aquino interpretava a unidade do ser humano à luz de conceitos aristotélicos cristãos⁶.

¹ Boehner e Gilson, 70, 74.

² Olson, 102.

³ Boehner e Gilson, 139, 182.

⁴ Brown, 17.

⁵ Ibid, 24.

⁶ Boehner e Gilson, 467.

Assim, pode-se notar que a filosofia tornou a Bíblia irrelevante, a razão tomou o lugar da revelação. “Nos séculos XIV e XV predominava profunda ignorância concernente ao conteúdo da Escritura: alguns doutores de teologia nunca haviam lido a Bíblia toda”¹. Lutero afirma: “quando eu era monge, desprezava a Bíblia. . . Eram Scotus, Tomás e Aristóteles que deviam ser lidos”².

Período da Reforma Protestante até o Século XX

O Período da Reforma (Século XVI)

O movimento da Reforma foi marcado pelo novo interesse pelo estudo das Sagradas Escrituras, e o início de uma interpretação mais literal do texto bíblico³. É bem verdade que Lutero não foi muito consistente em sua visão antropológica. Todavia, em seu comentário sobre Eclesiastes (publicado entre 1522 e 1532), ele afirma que o morto não tem consciência da passagem do tempo e dos eventos ao redor, até o despertamento dos santos na ressurreição⁴. O precursor da Reforma John Wycliff (c. 1324-1384) afirmava que as recompensas do julgamento não ocorreriam antes da ressurreição, e cria no sono inconsciente entre a morte e a ressurreição⁵. De igual modo, Tyndale não acreditava que as almas vão para o céu na morte, mas que elas dormem até a ressurreição⁶.

¹ Vikler, 48.

² Brown, 35.

³ Vikler, 48.

⁴ Froom, 2:75-78.

⁵ Ibid, 2:58-59.

⁶ Ibid, 2:94.

O movimento anabatista, cujo surgimento “esteve inicialmente ligado ao movimento zwingliano no norte da Suíça”¹, advogava o retorno aos ensinamentos bíblicos e a busca pelos ideais da igreja primitiva do NT². Muitos dos anabatistas “criam no sono da alma entre a morte e ressurreição”³.

Contudo, Calvino cria que na morte a alma se liberta da prisão do corpo e retorna para Deus, desfrutando do descanso no Paraíso enquanto aguarda a ressurreição. Para ele, a morte nada mais é do que um tipo de existência invisível, pois a alma não está na presença de homens, mas com Deus. Refutando a idéia do “sono da alma”, Calvino advoga que, na Bíblia, o “sono” é aplicado apenas ao corpo e não para a alma. Além disso, Calvino possuía notável apreciação pelos discursos de Platão e Aristóteles acerca das faculdades da alma⁴.

Correntes Teológicas Protestantes (Séculos XIX e XX)

Nos séculos subseqüentes à Reforma houve um crescente uso da razão humana como juiz sobre a Palavra de Deus. Este fenômeno, denominado racionalismo filosófico, lançou as bases para o surgimento da teologia liberal, no final do século XIX⁵. Negando o sobrenatural, o Liberalismo rejeita a crença na segunda vinda corporal de Cristo

¹ Earle E. Cairns, *O Cristianismo através dos Séculos: uma história da Igreja Cristã*, trad. Israel Belo Azevedo, 2ª edição, (São Paulo: Edições Vida Nova, 1995), 248.

² George R. Knight, *A search for Identity – The Development of Seventh-day Adventist Beliefs* (Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 2000), 30.

³ Philip Schaff, *History of the Christian Church*, 8 vols. (Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Company, 1958), 8:79.

⁴ *Ibid*, 2:121-122.

⁵ Vikler, 51.

bem como a doutrina da ressurreição do corpo. Os liberais que defendem a continuação da vida após a morte substituem a idéia da ressurreição pela imortalidade da alma¹.

Do outro lado, procurando defender as doutrinas e opiniões tradicionais do protestantismo, a Ortodoxia fundamentalista enfatiza que a alma é capaz de sobreviver à morte, vivendo em um estado desencarnado e consciente, aguardando a futura ressurreição. Assim, a morte é uma transição para um modo diferente de existência².

Ocupando uma posição intermediária entre o Liberalismo e a Ortodoxia, a Neo-ortodoxia (século XX) advoga que a idéia da imortalidade da alma é oriunda de um conceito grego. Defende também a unidade radical do ser humano (existência significa existência corporal). Portanto, não há uma entidade espiritual separada que sobrevive à morte e existe fora do corpo. A esperança reside na ressurreição do corpo³. Para K. Barth esta ressurreição ocorre imediatamente após a morte individual de cada crente⁴.

Entretanto, observando o protestantismo norte-americano do século XIX, pode-se notar que o espírito anabatista do século XVI literalmente permeou grande parte dos movimentos evangélicos desses dias⁵. Uma ramificação destes movimentos, conhecida como Conexão Cristã, teve notável importância para o Adventismo do Sétimo dia, pois dois

¹ Erickson, 1175-1176.

² Ibid, 524, 1169.

³ Erickson, 1176.

⁴ Cullmann, 35; Hawthorne, 49.

⁵ Knight, 30.

de seus fundadores (Tiago White e José Bates) pertenciam à Conexão Cristã¹. Esta corrente teológica representa uma das principais fontes da crença adventista no “sono da alma”².

Conclusão Parcial

Considerando o panorama histórico da Teologia Cristã, pode-se notar a profunda influência que o processo de helenização exerceu sobre a interpretação das Escrituras, e conseqüentemente, sobre as noções acerca da origem e destino humano. A interpretação equivocada dos conceitos bíblicos que se iniciou com Filo, ganhou força através da Escola de Alexandria, principalmente na pessoa de Orígenes. Assim, o princípio de interpretação alegórica das Escrituras logo se tornou a forma admitida da exegese bíblica em grande parte da Igreja Cristã. A partir do século XVI, o movimento da Reforma implementou uma interpretação mais literal das Escrituras, resgatando assim, parte dos conceitos bíblicos acerca do futuro da vida humana. Contudo, além dos postulados gregos já estarem enraizados na maior parte da Igreja Cristã, o racionalismo filosófico trouxe uma nova forma de ajustar os ensinamentos bíblicos sob a perspectiva da razão humana.

¹ Ibid, 31.

² Ibid, 73.

CONCLUSÃO

No primeiro capítulo foi feita uma análise do termo *rûah* (“espírito”) no contexto do AT. Através do estudo realizado, pôde-se concluir que no AT o homem é visto sob uma perspectiva unitária, física e concreta. O espírito humano está tão unido ao corpo físico, que os termos utilizados para descrevê-lo envolvem fenômenos normais, visíveis e tangíveis do mundo ao nosso redor. Além disso, não há menção de uma existência espiritual desencarnada do justo após a morte. A aniquilação da morte era vista como um evento escatológico, onde a ressurreição é diretamente conectada a um juízo universal.

No segundo capítulo foi estudado o termo *pneuma* (“espírito”) na ótica do NT. Este estudo demonstrou que os escritores do NT mantêm o conceito vétero-testamentário acerca da unidade do homem em sua constituição, o que impede a possibilidade de existência espiritual e etérea à parte do corpo. Quanto à escatologia individual, o NT amplia a visão do AT, indicando que o crente morto aguarda o momento da ressurreição para, enfim, habitar para sempre com o Senhor.

O terceiro capítulo analisou a idéia de “espírito” sob a perspectiva histórica da Teologia Cristã. Pôde-se constatar, através deste estudo, a profunda influência da helenização sobre as noções cristãs acerca da natureza e destino humano. O princípio de interpretação alegórica das Escrituras logo se tornou a forma admitida da exegese bíblica em grande parte da Igreja cristã. A partir do século XVI, o movimento da Reforma implementou uma interpretação mais literal das Escrituras, resgatando assim, parte dos

conceitos bíblicos acerca do futuro da vida humana. Entretanto, o culto à filosofia resultou no ajuste dos ensinamentos bíblicos sob a perspectiva da razão humana. Por isso, em meio às correntes teológicas dos séculos XIX e XX é notável a mistura entre conceitos bíblicos e humanos.

Após a compreensão de todos estes aspectos, torna-se possível responder ao problema de pesquisa deste trabalho: “Qual é o destino do espírito quando um crente morre?” A concepção de que o espírito é uma entidade própria capaz de existir de forma independente do corpo não representa uma visão bíblica. O espírito é um princípio de vida outorgado por Deus ao homem. Quando o crente morre este princípio retorna para Deus, deixando o crente num estado temporário de inconsciência e inatividade. No segundo advento de Cristo, através da ressurreição, o princípio de vida ligado intimamente com o corpo glorificado fará do justo o bem-aventurado receptor do dom da imortalidade.

BIBLIOGRAFIA

- Bacchiocchi, Samuele. *Immortality or Resurrection? A Biblical Study on Human Nature and Destiny*. Berrien Springs, MI: Biblical Perspectives, 1997.
- Balz, Horst e Schneider, Gehard. *Exegetical Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids, MI: William B. Eedermans, 2001.
- Barth, Karl. *Dogmatics in Outline*. London, England: SCM Press, 1958.
- Bauer, Johannes B. *Diccionario de Teología Bíblica*. Barcelona, España: Editorial Herder, 1985.
- Bíblia de Estudo Almeida*. Revista e Atualizada. 2ª edição. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- Boehner, Philotheus e Gilson, Etienne. *História da Filosofia Cristã – desde as origens até Nicolau de Cusa*. Traduzido por Raimundo Vier. 8ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.
- Brown, Colin e Lothar Coenen, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Traduzido por Gordon Chown. São Paulo: Edições Vida Nova, 2000.
- Brown, Colin. *Filosofia e Fé Cristã – um esboço histórico desde a Idade Média até o presente*. Traduzido por Gordon Chown. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.
- Cairns, Earle E. *O Cristianismo através dos Séculos: uma história da Igreja Cristã*. Traduzido por Israel Belo Azevedo. 2ª edição. São Paulo: Edições Vida Nova, 1995.
- Cullmann, Oscar. *Imortalidade da Alma ou Ressurreição dos Mortos*. Artur Nogueira, SP: Centro de Estudos Evangélicos, 2002.
- Erickson, Millard J. *Christian Theology*. 7ª edição. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1989.
- Evans, Craig A. *Novo Comentário Bíblico Contemporâneo – Lucas*. Traduzido por Oswaldo Ramos. São Paulo: Editora Vida, 1996.
- Ferreira, Júlio Andrade. *Antologia Teológica*. São Paulo: Editora Novo Século, 2003.

- Froom, Le Roy Edwin. *The Conditionalist Faith of Our Fathers – The Conflict of the Ages Over the Nature and Destiny of Man*. 2 vols. Washington, DC: Review and Herald, 1966.
- Guthrie, Donald. “A Vida Após a Morte”, *Imortalidade*. 2ª edição. Editado por Russell P. Shedd e Alan Pieratt. São Paulo: Edições Vida Nova, 2000.
- Haenchen, Ernst. *The Acts of the Apostles – a Comentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1971.
- Harris, R. Laird, Acher, Gleason L. Jr. e Waltke, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Traduzido por Márcio Loureiro Redondo, Luiz A.T. Sayão e Carlos Oswaldo C. Pinto. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998.
- Harrison, Everett F. *Interpreting Acts – The Expanding Church*. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1986.
- Hawthorne, Gerald F. *Word Biblical Commentary: Philippians*. Waco, Texas: Word Books Publisher, 1983.
- Knight, George R. *A search for Identity – The Development of Seventh-day Adventist Beliefs*. Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 2000.
- Ladd, George. *Apocalypse – introdução e comentário*. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Associação Religiosa Editora Mundo Cristão, 1989.
- _____. *Teologia do Novo Testamento*. Traduzido por Dara Dusilek, Jussara Marindir Pinto Simões Árias. São Paulo: Editora Hagnos, 2001.
- Lenski, R. C. H. *The Interpretation of the Acts of the Apostles*. Minneapolis, Minnesota: Augsburg Publishing House, 1961.
- Nichol, Francis D. *Respostas a Objeções: uma defesa bíblica da doutrina adventista*. Traduzido por Francisco Alves Pontes. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- Nisto Cremos: 27 Ensinos Bíblicos dos Adventistas dos Sétimo Dia*. Traduzido por Hélio L. Grellmann. 7ª edição. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.
- Olson, Roger. *História da Teologia Cristã - 2000 anos de tradição e reformas*. Traduzido por Gordon Chown. São Paulo: Editora Vida, 2001.
- Schaff, Philip. *History of the Christian Church*. 8 vols. Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Company, 1958

Smith, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem*. Traduzido por Hans Udo Fuchs e Lucy Yamakami. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.

Vikler, Henry A. *Hermenêutica Avançada: princípios e processo de interpretação bíblica*. Traduzido por Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Editora Vida, 2001.

Wigram, George V. *The Englishman's Greek Concordance of the New Testament*. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1970.